

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

72-73
INSCRIÇÕES 318-323



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
2003

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

.....

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

José d'ENCARNAÇÃO
Instituto de Arqueologia
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

Maria Manuela Alves DIAS
Av. Madrid, 24, 2.º dt.º
P-1000-196 LISBOA

.....

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de

FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA
CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

Composto e impresso na G. C. – Gráfica de Coimbra, Lda.

Depósito Legal N.º 21216/88

ARA A UMA DIVINDADE INDÍGENA
NA FREGUESIA DE S. FACUNDO (ABRANTES)

Esta inscrição romana do concelho de Abrantes apareceu recentemente fracturada pelo meio, no Casal da Favaqueira, nos trabalhos de restauro a que o proprietário, Sr. Dr. Abel Grosso, ali mandou proceder e que envolveram o derrube de uma parede¹. É de granito de grão médio da região e terá sido reaproveitada das ruínas de alguma estação romana das proximidades, pois são vários os vestígios conhecidos e ainda visíveis de ocupações desses tempos, as quais no seu conjunto configuram um hipotético *vicus*². Diz o povo que seria por ali a antiga «Vila Faria». Mais sabemos que ali perto, a umas escassas dezenas de metros, houve uma igreja dedicada a S. Facundo, já a funcionar nos começos do século XVI e que durante séculos serviu de paróquia, filial da matriz de S. João de Abrantes³, não sendo por isso de excluir que a ara tenha “passado” pelo templo cristão antes do aproveitamento para a parede do referido casal.

Apresenta molduração de garganta, do tipo gola reversa, e capitel com superfície superior lisa, sem qualquer vestígio de fôculo, pelo que bem podia ter-se prestado a servir de pedestal.

¹ Ao Ex.º Sr. Dr. Abel, actual detentor do monumento, queremos agradecer os cuidados postos na salvaguarda dos dois fragmentos bem como as facilidades concedidas para o seu estudo.

² Cf. J. Candeias Silva, Álvaro Batista e Filomena Gaspar, *Carta Arqueológica do Concelho de Abrantes*, em vias de publicação, edição da Câmara Municipal de Abrantes.

³ Vide o *Dicionário Etimológico e Toponímico do Concelho de Abrantes*, de Joaquim Candeias Silva e Eduardo Campos, 1987, p. 124. Nada resta dela hoje em dia para além do assento, onde ainda aparecem ocasionalmente alguns fragmentos de ossadas humanas, pois serviu também de cemitério da freguesia.

Dimensões: 33 x 25 x 33 (base), 37 x 23 x 22 (fuste), 32 x 23 x 23 (capitel)

Campo epigráfico: 37 x 23.

TRITE/VS · TV/RA/OS · PEI·CAI / L(*ibens*) · V(*otum*) · S(*olvit*)

Triteu, (filho de?) Turao?, cumpriu de bom grado um voto a Peica (?).

Altura das letras: l. 1: 5 (R=4,5, I=4, E=6); l. 2: 4,5 (T=5); l. 3: 4; l. 4: O=3, S=3,5, P=3,5, E=4,5, e I=4; l. 5: 3 (I=2); l. 6: 4 (S=3,5). Espaços: 1: cerca de 3; 2: 2; 3: ? (fractura); 4: 1; 5: 0,5/0; 6: 0 (entre as linhas 4 e 6 = 3/3,5); e 7: 0.

Na l. 2, sumiu-se o arranque do primeiro V, mas o segundo está quase completo; na l. 3, a mais problemática por coincidir com a da fractura, o R é indiscutível, enquanto o grafema seguinte (provável A sem travessão) não permite vislumbrar outra solução que não seja essa, sílaba RA centrada e em simetria; quanto às restantes linhas, não parece haver grandes dúvidas, salvo no I da linha 5 que aparece pouco vincado. Numa análise global, a paginação não é primorosa: o desejado eixo de simetria não foi totalmente conseguido, os caracteres (actuários) revestem alguma rudeza, sendo de notar, para além da falta dos travessões nos AA, o arredondamento dos vértices, os SS reclinados sobre a direita, a haste inferior dos EE (linhas 1 e 4) mais aberta e levemente recurvada, tal como a do L, a pança do P mal rematada. Estranha-se bastante também a terminação do segundo nome em OS, onde se esperaria um genitivo em -I. A particularidade ou “rudeza” mais notória é, todavia, a que envolve o teónimo, com a terminação em módulo menor, quase em abreviatura, a que acresce ainda o uso de um ponto no início da penúltima linha (*lineae vel syllabae distinguens*), aqui talvez mais com função decorativa em face da exiguidade do espaço deixado para a conclusão da palavra, porventura mal calculado... Até o final do texto – a fórmula em siglas – não é dos mais usuais. Enfim, toma-se tudo isto por conta da romanização recente, pela incipiente alfabetização de indígenas rurais.

O nome do dedicante, *Triteus*, é conhecido de uma inscrição de Mangualde, do século II (FE 53); e o elemento seguinte (filiação?) poderá aparentar-se com outros cognomes também já apare-

cidos noutras epígrafes do *Conventus Scallabitanus*, como *Tureius*, *Turanus* (do Sabugal, FE 100), *Turainus* ou *Turaianus*, este de Águeda (FE 70). O maior interesse desta nova ara residirá, assim, no teónimo, que em primeira análise se afigura como indígena e até agora desconhecido, mas também não deixa de se prestar a algumas conjecturas. A primeira tentativa, por influência da citada ara votiva de Águeda (FE 70), foi “ver” aqui um COS(o) · PEI(taico), mas o texto não no-lo permite; tal como também não nos permite outra solução já documentada na área de Viseu/Tondela – PEIN-TICI – onde interveio igualmente um *Tureius*. Já existe, contudo, o antropónimo lusitano PEICANVS⁴. E a associação das letras, pese embora o seu ineditismo, em nosso entender, aponta claramente para a leitura enunciada. PEICA é o que propomos. Esta será, assim, mais uma divindade indígena, porventura tópica, cultuada nesta área por gente que ainda reagia à imposição do panteão romano ou, pelo menos, ainda não tinha assimilado completamente os cultos oficiais.

Quanto à cronologia, pelas características apresentadas, parece-nos que deva situar-se no século II.

J. CANDEIAS DA SILVA
e ÁLVARO BATISTA

⁴ Cf. M. L. Albertos, in *Symbolae Ludovico Mitxelena Septuagenario Oblatae quas edidit José L. Melena*, Vitória, 1985, p. 470: trata-se do patronímico do dedicante duma ara a *Arentius Ocelaecus* e *Arentia Ocelaeca*, proveniente de Ferro (Covilhã).



318

MILIÁRIO DE CONSTANTINO MAGNO
DO VALE DA LAMA (BEMPOSTA — ABRANTES)

A coluna miliária objecto desta notícia, que designaremos por Vale da Lama II, foi identificada num cabeço a sul do casal de Vale da Lama, freguesia de Bemposta, sensivelmente na linha divisória entre os concelhos de Abrantes e Chamusca, a uma distância de cerca de 130 metros de uma outra (Vale da Lama I), já publicada nestes ficheiros (FE 152). A realidade, porém, é que, confrontados os textos de ambas e analisadas as respectivas características físicas, com satisfação chegámos à conclusão de que as duas encaixam como fragmentos de uma só, sendo esta a primeira parte (do topo) e a outra o seu prolongamento (a base).

A parte agora identificada encontra-se desde há algum tempo numa dependência do castelo de Abrantes, ainda sem número de inventário. Tal como a precedente, é de um granito bastante grosseiro e formato conico-cilíndrico. A fractura, que parece ser de longa data — vários séculos —, deu-se sensivelmente pelo meio, enquanto na extremidade oposta, no topo, se vê ao centro uma espécie de covinha.

Dimensões: 75 x 30 / 32 (diâm.); no total das duas partes, 175 x 30 / 34.

O texto inédito: «[D(*omino*)] N(*ostro*) / [FLA(*vio*)] VAL(*erio*) / [C]Q(*n*)ST[A/N]TIN/[O N]OBI[L/ISSI]MØ» // Ao que se seguia a parte já conhecida: «[AC FOR]/TISSIM/O CAESA/RE / DIVI / CONST(*anti*)I / PII FILIO».

Ao nosso senhor Flávio Valério Constantino, nobilíssimo e fortíssimo César, filho do divino Constâncio Pio.

Altura das letras da parte inédita: l. 1: 7; l. 2: 7 (A = 6); l. 3: 7 (S = 9, T = 8); l. 4: 7 (T = 8, I = 8,5); l. 5: 7 (O = 6, B = 8); l. 6: ?? . Espaços: 1: 10; 2: 3-4; 3: 5-3,5; 4: 3; 5: 3,5-1; 6: 2.

Tal como já se tinha verificado no primeiro fragmento, não prima a peça pela qualidade epigráfica. A paginação é bastante descontrolada e os caracteres bastante rudes, aos altos e baixos. São de notar, neste texto como no anterior, os II sem apêndices, os NN rampantes e deliberadamente reclinados sobre a direita, OO menores e SS de tamanho superior, o B figurando quase um 8. O conjunto encontra paralelo próximo num outro miliário da Lagoa Grande (Chamusca), a pouco mais de uma légua a ocidente do presente local, em que Mário Saa leu «DOMINO NOSTRO / FLAVIO VALERIO CONS/TANTINO NO/BILISSIMO CAES/ARI FORTISSIMO CAESARI...»¹.

Com este achado, particularmente feliz, recupera-se a memória, confirma-se a História e ficam agora mais bem associados os dois miliários dedicados ao mesmo imperador: este dito do Vale da Lama, por certo deslocado da via romana à passagem pela zona do Tamazim, e o da Lagoa Grande. Provavelmente ambos fariam parte da mesma via, conforme ficou expresso no FE 152. A reidentificação do miliário vem também reforçar e favorecer a imagem do imperador Constantino, já de si chamado “o Grande” (306-337), pelo implícito reconhecimento e apoio das populações desta área da Lusitânia².

JOAQUIM CANDEIAS DA SILVA
ÁLVARO BATISTA
e FILOMENA GASPAR

¹ *As Grandes Vias da Lusitânia*, I, 1957, p. 244. Registamos, no entanto, que se verifica uma pequena discrepância entre o texto citado e a foto que o mesmo autor reproduziu na respectiva estampa ao lado (fig. 7), a qual nos permite admitir uma versão ligeiramente diferente, sem os desdobramentos: «D N / FLA VAL CONS/TANTINO NO/BILISSIMO / AC FORTISSIMO /...».

² O contexto do aparecimento deste monumento epigráfico será desenvolvido num estudo mais amplo que se encontra em vias de publicação, a *Carta Arqueológica do Concelho de Abrantes*, edição da Câmara Municipal de Abrantes. Nesse contexto se inserem, entre outros materiais, mais algumas colunas miliárias, aparentemente anepígrafas.



319

NUEVOS EPÍGRAFES LATINOS INÉDITOS DE CASTUERA (BADAJOZ)*

El goteo permanente de hallazgos de inscripciones latinas va enriqueciendo, poco a poco, el conocimiento del pasado histórico de unas regiones concretas de la *Hispania* romana, de las que, hasta ahora, sólo teníamos una idea general, esquemática y muy incompleta. Eso está ocurriendo, también, en esta zona sur-oriental extremeña¹. Los hallazgos se producen, la mayoría de las veces, por la curiosidad y el esfuerzo de personas preocupadas por la conservación de “lo antiguo” en los más insospechados lugares de nuestra geografía, y sobre todo en zonas que, como la nuestra, carecen de excavaciones sistemáticas. En La Serena, comarca situada en el extremo sur-oriental de la provincia de Badajoz, que, según la *communis opinio*, en la antigüedad pertenecía a la *Baeturia* de los túrdulos² y correspondía a la parte norteña del *conventus Cordubensis*, también encontramos a personas de tal condición, como F. Conejero González³, en Esparragosa de La Serena, quien gentilmente me comunicó el hallazgo realizado por los hijos de A. Dávila Villar, y me acompañó, junto con F. Dávila en abril de 1996, a

* Agradezco, de corazón, al Profesor J. Gómez-Pantoja sus correcciones, indicaciones y sugerencias. Los errores son solamente del que suscribe.

¹ Se han hecho aportaciones tanto para corregir alguna lectura, en Zalamea STYLOW-MADRUGA 1998, como para aumentar el número global con inscripciones inéditas: MADRUGA 1996, *ibid.* 2000, *ibid.* 2000a, *ibid.* 2001 en Monterrubio, STYLOW-MADRUGA 1998 en Monterrubio y Castuera, MADRUGA 2001 en Castuera y GONZÁLEZ 1998 en Campanario. Del término de Benquerencia de La Serena son MADRUGA 2000b, donde por primera vez se dan a conocer inscripciones romanas de este municipio, y MADRUGA 2001.

² STYLOW 1991, 11-27.

³ “... *ludi magister et rerum antiquarum studiosus*”. CIL II²/7, p. 207.

visitarlo y a realizar las correspondientes autopsias. A todos ellos, de corazón, les agradezco su paciencia y su amabilidad.

Sin duda existía una población antigua en, o cerca de, Castuera. Una inscripción, hallada probablemente en «El Cerrillo»⁴, fue dedicada a una divinidad que no es nombrada, por un edil, es decir, por un cargo municipal, que difícilmente pudiera ser *Iulipense*, pues *Iulipa* (localizada en Zalamea de La Serena) está situada, a vuelo de pájaro, a unos 13 km. de distancia al O. Del estatuto jurídico de esta desconocida ciudad nada se puede deducir por este solo dato, pues ediles hay atestiguados no sólo en municipios, sino también en otras poblaciones peregrinas⁵. Otro indicativo de población cierta en la zona también se deduce por los hallazgos de otros epígrafes, encontrados tanto en el casco urbano como en sus inmediaciones⁶.

En Castuera, la localidad más importante de esta parte sur-oriental de la comarca de La Serena, hasta 1995, año de la publicación del CIL II²/7, únicamente se contaba con un solitario título epigráfico⁷, hallado a finales del siglo XIX, y con la marca de un sello de plomo⁸, que indica su importante pasado minero⁹. En ese momento se añadiría otro epígrafe¹⁰. Unos años antes Pablo Ortiz Romero, en su estudio arqueológico de una parte de la comarca, cuyo resultado más fructífero fue la constatación de los llamados “recintos-torre” de La Serena¹¹, recogió tres inscripciones, pero aún per-

⁴ Se trata de una base cilíndrica de granito que mide 92 cm de altura x 60 cm de diámetro. Fue hallada posiblemente en *el Cerrillo, coronado por la ermita de San Juan*. Ya desde antiguo fue reutilizada como contrapeso de molino de aceite y se conserva en Almendralejo, en la Exposición Permanente de la Colección Monsalud. Su texto reza: *M(arcus) Cornelius / Proculus aed(ilis) /^β d(e) s(ua) p(ecunia) dat* (CIL II²/7, 947).

⁵ Así ocurre en el *oppidum ignotum* de La Rambla (Córdoba) (CIL II²/5, 521).

⁶ Cf. STYLOW-MADRUGA 1998 y los inéditos del presente trabajo.

⁷ Ver más arriba nota 4.

⁸ Se halló en una mina vieja y se conserva en el MAP de Badajoz: *S(ocietas) · B(aetica) · A(rsensis)* o *A(rtigiensis)* (HEp 4, 143). Otros dos sellos de plomo para marcar sacos, de los que no constan los datos de su procedencia y con el mismo texto, conservados también en el MAP de Badajoz (HEp 4, 191), es probable que también fueran hallados en Castuera.

⁹ Cf. FERNÁNDEZ CORRALES 1989.

¹⁰ Fragmentario y, al parecer, tardío: *[---]ignus* (CIL II²/7, 948).

¹¹ ORTIZ 1985. A la bibliografía sobre recintos-torre añadáse ahora: P. ORTIZ ROMERO — A. RODRÍGUEZ DÍAZ, “Culturas indígenas y romanización en Extremadura: castros, *oppida* y recintos ciclópeos”, *Extremadura Protohistórica: Paloeambiente, Economía y Poblamiento*, 247-278, Cáceres 1998.

manecen inéditas¹². Mucho más reciente es la publicación de un interesante epígrafe, con la inscripción de un *metellinensis* mostrando su pertenencia a un *collegium*, que de momento es testimonio único en la zona¹³. Son, en total y hasta ahora, siete las inscripciones encontradas en el término municipal de ésta localidad pacense, a las que deben añadirse las tres inscripciones que ahora presentamos¹⁴.

Se hallaron en 1993, al realizar labores agrícolas en «La Cuerda», predio situado en la parte meridional de una finca llamada «Las Partes», propiedad entonces de Hermógenes de la Cueva. El terreno, ubicado entre Esparragosa de La Serena y Castuera, más cercano de aquella población pero en término municipal de ésta, está muy cerca del arroyo de la Venta antes de que desemboque en el arroyo Lavandero. Las estelas estaban reutilizadas, tumbadas horizontalmente, formando los laterales de un sepulcro doble, ubicado casi en la cima de una pequeña ladera y con dirección N-S. El

¹² Esta es la primera vez que se presentan los textos en una publicación. Fueron halladas en una casa de la “Huerta del Maestrillo”, en la margen derecha del río Guadalefra, reutilizadas como material de construcción.

1.— Estela de granito, rota por arriba de (63) x 47 x ?. Letras: 7. Está sirviendo de jamba derecha de una ventana.

- - - - - / *ius · S[- - -]nus · an(norum) XXX /^β h(ic) · s(itus) · e(st) · s(it) · t(ibi) · t(erra) · l(evis) · /Maurus /fratr(i) · d(e) · s(uo) · /^β f(aciendum) · c(uravit) ·*

ORTIZ 1985, 216. Lín.5: también pudiera ser *fratri* con nexo RI.

2.— Estela de granito, con cabecera semicircular. Tiene alisados el frontal y los laterales; la parte de atrás está en bruto. Medidas: 82 x 44 x 27. Letras: capitales de 6. Interpunción: punto. La recogió Pablo Ortiz Romero, quien la tiene depositada en el “Centro de Interpretación Hijovejo”, c/ Costanilla nº 8 de Quintana de La Serena.

Flavius / [-] f(ilius) · Capito /^β an(norum) · XXIIIX / h(ic) · s(itus) · e(st) · s(it) · t(ibi) · t(erra) · l(evis)

ORTIZ 1985, 217.

3.— Estela de granito de 60 x 45 x ?. Letras: 12-8. Sirve de jamba izquierda de una ventana.

- - - - - / *[M]arcia / [-]hesia · so/^β[r]ori · d(e) · s(uo) / f(aciendum) · c(uravit)*

ORTIZ 1985, 218.

¹³ El texto dice: *M(arcus) · Helv(iu)s · Sab/^βinus · M(etel(l)ine(nsis) / an(norum) · LX · h(ic) · s(itus) · /^β e(st) · s(it) · t(ibi) · t(erra) · l(evis) · / sod(ales) · tab(ulae) / saluta(ris) /^β f(aciendum) · c(uraverunt)* (STYLOW — MADRUGA 1998, 30, con foto). El lín 8 mejor *tab(lae)*; cf. HEp 8, 9

¹⁴ De la primera de ellas, dimos una somera descripción del soporte y el texto en MADRUGA 2001, 65 nº 4.

enterramiento, expoliado ya desde antiguo, se encontró colmatado de tierra con algunos fragmentos de pizarra en su interior que, por no existir dicho material en las cercanías, posiblemente pertenecieran a la tapa del sepulcro (lám. 1 y 2).

320

EPITAFIO DE *C. NORBANUS G. F. RUSTICUS*
(LÁM. 3 Y 4).

La primera de las inscripciones está grabada sobre una estela de granito duro, de procedencia posiblemente local, rematada con cabecera semicircular. El frontal está ligeramente alisado, menos los 57 cm inferiores, que están solamente desbastados, seguramente para ser hincada. El resto de la pieza está someramente alisada.

Durante su reutilización formaba el costado oeste del doble sepulcro, con la inscripción hacia dentro y recostada sobre su lado derecho. Por ello los aperos de labranza sólo produjeron algunos rasguños en su lateral izquierdo, como puede apreciarse en las fotografías.

Tiene unas medidas de 222 cm de altura x 52 cm de ancho x 20 cm de grosor (menos en la parte de la base que aumenta a 22 cm). El tipo de letra es capital cuadrada con influencia de librería, que oscila en altura desde los 7,5 cm hasta los 6 cm (sobresale la C de la lín. 8 que mide 8). Nótese las S de las líneas finales muy inclinadas. La interpunción es de puntos circulares.

Desde 1999 se conserva en la finca «Las Malenas», propiedad de A. Dávila Villar, donde la vi a finales de junio de 2001. En ella se lee:

C(aius) · Norbân-
us · G(ai) · f(ilius) · Rus-
ticus · an(norum)
LXX · h(ic) · s(itus) · e(st) · s(it) · t(ibi)
5 *t(erra) · l(evis) · G(aius) · Dom[i]-*
tius · Satu-
rninus
d(e) · s(uo) · f(aciendum) · c(uravit)

En la línea 1, la C es segura en contraposición a los otros *paenomina* del epígrafe; al final nexa AN. La letra I, al final de la línea 5, falta desde antiguo. A pesar de las variaciones de altura en las letras y de las separaciones asilábicas de las líneas 1 y 6, que ponen en evidencia la falta de una *ordinatio* más cuidadosa y el relleno casi mecánico de los renglones, la grabación del texto es bastante aceptable.

El origen del *nomen Norbanus* es cuestionable. En *Hispania*, por su difusión preponderante por *Lusitania*, se considera vinculado inicialmente a la *colonia Norba Caesarina* (la actual Cáceres capital). Pero también existe en Roma e Italia, aunque sea un *nomen* poco frecuente¹. Hübner² pensaba que se refería a *servi publici* manumitidos en *Norba* o a sus descendientes; pero, de haber sido así, habría que esperar la forma *Norbanus*³ mejor que *Norbanus*. Sería, pues, un nombre propio del área cacereña que terminaría ocupando posiciones de gentilicio en las fórmulas nominales y funcionando como tal. Este *nomen* derivaría del nombre del que llevó a cabo la fundación colonial: *C. Norbanus Flaccus*⁴, cos. en el 38 a. C. y triunfador “*ex Hispania*” en el 34 a. C.

Tendría pues, en sus inicios, el valor tanto de gentilicio como de indicativo de procedencia, quedando posteriormente como “un *nomen* de ascendencia latina más, sin su valor de procedencia originaria”⁵. De forma diferente piensa E. V. Haley⁶ al afirmar que cuando nos encontramos con un individuo que, llevando el nombre *Norbanus*, sea descubierto fuera del territorio de *Norba Caesarina*, casi con seguridad nos hallamos, bien ante un emigrante Norbense, o bien señala, indirectamente, a un emigrante de *Norba*. Aunque es evidente que tiene que ser en Cáceres, lugar en el que se ubicaba la colonia, y en sus alrededores donde se encuentre la mayor concentración de Norbanos⁷.

Dejando a un lado la cuestión, lo cierto es que *Rusticus* no es el primer individuo de la *gens Norbana*⁸ que aparece en La Serena.

¹ Cf. RAMÍREZ 1992-93, 136 nota 10.

² CIL II, pág. 81.

³ HALEY 1991, 20 nota 57.

⁴ Cf. entre otros SAYAS 1989, 49.

⁵ SALAS — ESTEBAN 1994, 69-73 y especialmente 71.

⁶ “Those attested outside the territory of *Norba* bearing the *nomen* *Norbanus* are certainly migrant *Norbenses* or point to migrant *Norbenses*” HALEY 1991, 20.

⁷ Sobre la colonia *Norba Caesarina* y su gente, Cf. SALAS — ESTEBAN 1994.

⁸ A los 84 testimonios que proponen SALAS — ESTEBAN 1994 en el Apén-

En el término de Malpartida de La Serena, desde finales del siglo XIX, ya se había constatado una *Norbana Lucilla*⁹ en un epígrafe hallado a una distancia de unos tres Km al SO de donde hemos encontrado éste. Es muy probable que entre *Lucilla* y *Rusticus* hubiera alguna relación cercana de parentesco, pues los otros testimonios de la provincia de Badajoz¹⁰ están muy alejados de esta zona.

Como ya se ha señalado, no es frecuente, aunque tampoco raro, encontrarse con individuos que lleven tal nombre fuera de la Alta Extremadura, lo que para nosotros indica bien su condición de emigrante o bien descender de uno de ellos¹¹. Tal sería la condición de nuestro *C. Norbanus Rusticus* y de, la ya citada, *Norbana Lucilla*.

El *cognomen Rusticus*, que evoca un origen servil o peregrino, es bastante frecuente en la península¹², con dos testimonios en la cercana Zalamea y otro más en Garlitos¹³. En el resto de la provin-

dice Epigráfico más *Addenda* (pp. 119-135), hay que añadir el del presente artículo; otros cinco que dan a conocer Gimeno — Stylow 1993: *Norbana Quintilla* en Puerto de Santa Cruz (p. 151 n. 43; HEp 5, 231 = AE 1993, 959); *L. Nor[ba]nus Rufus* en La Cumbre (p. 168 n. 68; HEp 5, 200 = AE 1993, 984); *L. Norbanus Rufus L. f.* (p. 145 n. 34; HEp 5, 237 = AE 1993, 950) y *L. Norbanus L. f. Celer* (p. 146 n. 35; HEp 5, 238 = AE 1993, 951) en Ruanes y *G. Norbanus Novatu[s]* (p. 128 n. 11; HEp 5, 264 = AE 1993, 928) en Trujillo; tres más en Albalá, *Norbamus P. f. Seneca* (HEp 7, 259), *L. Norbanus Celer* (HEp 7, 260) y *[Nor]banus* (HEp 7, 261) y otro más, localizado en 1988 en Calahorra (LO), en una inscripción, hecha con un sello de considerables dimensiones, impresa con molde sobre el borde de un cuenco de cerámica no excesivamente fina. En ella se lee simplemente *Norban(us)* con nexos RB (letra R retrógrada) y AN (González Blanco 1995, 240 con dibujo).

⁹ CIL II²/7, 935. Se trata del epitafio de *Norbana Lucilla* hija de *L. Norbanus Vetto* dedicado por *Sempronius Libie(n)sis*. Sin duda *Norbana* vivía por aquí, pero más problemático sería afirmar lo mismo de su padre.

¹⁰ *Norbana Calephasis* (CIL II 508), *Norbana Capitolina* (CIL II 508), *Norbana Severa* (CMBadajoz p. 245, 904), *L. Norbanus Narcissus* (HAE 501), *Norbamus Polytimus* (CIL II 508), *Norb(anus) Tro[---]* (ERAe 422. SALAS — ESTEBAN 1994, 126 n° 35) y *L. Norb(anus) [---]ius* (ERAe 422. SALAS — ESTEBAN 1994, 126 n° 35) en Mérida. *L. Norbanus [---]* y *L. Nor[banus] Mens[or]* (CIL II 6337) en Monesterio. *Norbana Q. f. Quintilla* (CIL II 5068=5550) en Navalvillar de Pela. Y *Norban[a] Capi]tolina* (EE IX, 170) en Torremejía.

¹¹ Cf. el ya mencionado HALEY 1991, 20.

¹² Ocupa el n° 16 en la frecuencia de los *cognomina* en Hispania (ABASCAL 1994, 490-491).

¹³ *Q. Aelius Rusticus* (CIL II²/7, 924 no contabilizado por Abascal) y *L. Marcus Rusticus* (CIL II²/7, 946); *Rus[tici] f[ilia]* (CIL II²/7, 879).

cia de Badajoz, sin contar con los hallazgos de Mérida, lo encontramos en Fuente del Maestre, en Medina de las Torres y en Retamal de Llerena¹⁴.

Queda patente la condición de *ingenuus* de *C. Norbanus Rusticus* al grabar en el epígrafe *G(ai) filius*, que es la estructura onomástica típica, tanto del individuo ingenuo como del ciudadano romano, aunque éste añadiría otros elementos.

Del monumento se encargó *G. Domitius Saturninus*. Por la información transmitida no podemos saber la relación del difunto con el dedicante, al parecer también *ingenuus*. Al utilizar la fórmula *de suo*, se puede inferir que no estaba obligado a ponerle una lápida a *Rusticus* y que, sin embargo, carga con los gastos que ello conlleva por otros motivos que desconocemos. Del *nomen Domitius* hay testimonios en Mérida, Fregenal de la Sierra y, dentro del *conventus Cordubensis*, el más cercano lo hallamos en Valencia de las Torres¹⁵, también en la provincia de Badajoz. Del frecuente *cognomen Saturninus*¹⁶ se encuentran muchos en Mérida y en la provincia de Cáceres¹⁷; dentro de la provincia pacense se localizan en Barcarrota, en Medellín y en Reina¹⁸.

Por el soporte, por el material utilizado y por el formulario, se puede datar la inscripción en los años finales del siglo I d. C.¹⁹.

¹⁴ *D(is) M(anibus) s(acrum) / Rusticilla /^β ann(or)um · XVIII / Rusticus pat(er) / filiae /^β s(it) t(ibi) t(erra) l(evis)* (FE 12, 1985, 50; AE 1985, 534); *[I(ovi) O(ptimo) M(aximo)] / Cons(erv(ator)) /^β Contrib(ut(ae)) / Iuliae / Valeri /^β Rusticus et / - - - - -* (HEp 4, 157; AE 1991, 1012) y *Dannius G.F. Rusticus S. / annorum::: (sic)* (HEp 7, 158) respectivamente.

¹⁵ *Domitia* (EE IX, 64); *Domitius Aponius* (AE 1946, 195); *Domitius Pas(t)or* (CIL II 489; HEp 4, 165); *C. Domitius Pylades* y *[C.] Domitius C. l. Restitutus* (HEp 6, 102 a); *Domitia L. f. Avita* (CIL II 974) y *M. Domitius Boutius* (CIL II²/7, 1008).

¹⁶ Ocupa el 9º lugar entre los *cognomina* de la península (ABASCAL 1994, 31).

¹⁷ Cf. Abascal 1994, 496-497; y además *Saturninus Bou^βti · filius) · an(norum) [- - -]* en Abertura (HEp 5, 165; AE 1993, 947).

¹⁸ *Saturnina / Asprenatis /^β filia) · annorum / III · h(ic) · s(ita) · e(st) / Caenea Câm^β[ali?] filia) · an(norum) · XX* (RAMÍREZ 2000, 234-235, nº 1, con foto); *Q. Licinius Saturninus* (CIL II 610) y *L. Calpurnius Saturninus* (CIL II²/7, 989), respectivamente.

¹⁹ Para la datación cf. STYLOW 1995.

LÁPIDA DE C. SEMPRONIUS NIGER (LÁM. 5 Y 6).

La segunda inscripción está grabada sobre una estela de piedra granítica, sin duda de procedencia local. Tiene la cabecera semicircular y está rota por abajo y algo desgastada por la derecha. Conserva unas medidas de (132) cm de altura, 53-48 cm de anchura y 25 cm de grosor. El tipo de letra es capital libraria, oscilando su altura entre los 7,5 cm y los 6 cm; la interpunción es de puntos redondos. Las circunstancias de su hallazgo y conservación coinciden con la inscripción anterior.

Durante su reutilización formaba la separación central de los sepulcros posteriores, recostada sobre su lado derecho.

El texto es:

*C(aius) · Semp-
ronius
Niger
h(ic) · s(itus) · e(st) · t(ibi)
5 t(erra) · l(evis)*

Observese que las tres últimas letras de la línea 3 están muy espaciadas, es sin duda un intento, no demasiado conseguido, de adecuar la palabra a la anchura de la piedra.

El *nomen Sempronius* es muy frecuente en Hispania¹, aunque encontramos pocos testimonios en la Baja Extremadura, solamente en Garlitos, Magacela, Malpartida de La Serena y Medellín², y, también, en Belalcázar, Santa Eufemia y Fuenteobejuna³, donde era la *gens* más influyente de *Mellaria*, en las cercanías de la provincia cordobesa.

¹ En la frecuencia de *nomina* en Hispania ocupa el 7º lugar (ABASCAL 1994, 29 y 214-218).

² *L. Sempronius Pollio, pagi magistri* (CIL II²/7, 875); *Sempronia M. f. Crispina* (CIL II²/7, 971); El ya citado en nota anterior *Sempronius Libie(n)sis* (CIL II²/7, 935) y *Sempronius Campanus* (HEp 8, 14), respectivamente.

³ *Senpronia Q. f. Atsinna* (CIL II²/7, 832); *Se(m)pronia Q. f. Viniopis* (CIL II²/7, 770) y *Sempronia Varilla*, madre e hija (CIL II²/7, 800); *C. Sempronius M. f. Severus* (CIL II²/7, 802); *C. Sempronius Speratus, flamen divorum Augg(ustorum) provinciae Baeticae* (CIL II²/7, 799), respectivamente.

Curiosamente, encontramos un [- *Semp*]ronius Gn. f. Niger en Mérida⁴ que, además, era el único testimonio del *cognomen* hallado, hasta ahora, en la provincia de Badajoz. No puede saberse hasta qué punto habría que relacionarlo con el que tratamos, ya no sólo por la coincidencia de nombres, sino además por ser pretoriano y el hecho de haberse encontrado otro en Monterrubio⁵, también emeritense, lo que desmiente la idea de García Iglesias⁶ de que no se mencionan pretorianos entre los colonos de Hispania.

En la fórmula final hay que señalar la ausencia de *sit*. Es una práctica rara en la provincia de Badajoz, pues sólo hemos hallado dos casos, ambos en Monterrubio de La Serena⁷, pero es corriente en la provincia cacereña, con numerosos testimonios⁸.

Por las fórmulas utilizadas y la ausencia de edad, se puede datar a mediados del siglo I.

LÁPIDA DE *FIRMILA, M. GRANI SERVA* (LÁM. 7 Y 8).

La tercera, y última, inscripción que tratamos en el presente artículo se encuentra sobre una estela de granito muy disgregable. Tiene la cabecera semicircular y sus medidas actuales son (150) cm de altura, (47) cm de anchura y 18 cm de grosos. El tipo de letra es capital libraria con una altura que oscila entre 7 cm y 6 cm; la

⁴ [- *Semp*]onius Gn(aei) f(ilius) Niger [p]raetorian(us) ERAE 125.

⁵ MADRUGA 2000a.

⁶ ERAE 125.

⁷ CIL II²/7, 952 (ciudadano emeritense por su adscripción a la tribu Papiria) en la que faltando una o dos letras al final de cada línea, Stylow consideró, en la lín 5, restituirlo en una posición anterior: *h(ic) s(itus) e(st) [s(it)] t(ibi) [t(erra)]*; el otro epígrafe, hallado en los “Cuarteles de Montaraz” aún permanece inédito.

⁸ Sin ánimo de exhaustividad, podemos considerar los siguientes: CIL II 5349 Belvís de Monroy; ¿CPILC 142? y CPILC 754 Cáceres; CPILC 169 Campo Lugar; HEp 5, 194 Conquista de la Sierra; ¿CIL II 659? Escorial; ¿CPILC 755? Herguijuela; REDONDO 1982, 38-39 Ibahernando; HEp 7, 266 Montehermoso; CPILC 393 y CPILC 395 Plasenzuela; HEp 2, 219 Robledillo de Trujillo; Inédita, ¿CPILC 428? y CPILC 436 Salvatierra de Santiago CPILC 464 Santa Marta de Magasca; HEp 5, 260 y HEp 5, 266 Trujillo; HEp 4, 255 Valdefuentes; HEp 5, 281 Villamesías y HEp 1, 205 Villamiel.

interpunción es de puntos redondos. Las circunstancias de su hallazgo coincide con las anteriores, pero no así, desgraciadamente, su conservación pues aún se encuentra allí, desplazada unos metros hacia arriba, junto a unos peñones, degradándose poco a poco.

Cuando estaba reutilizada, formaba el lateral sur del doble sepulcro, con la inscripción hacia dentro y recostada sobre su lado izquierdo, por lo que la acción de los arados, y su fragilidad dureza, han hecho mella en su lateral derecho, aumentada, sin duda, por las maniobras inherentes a su último desplazamiento

En ella podemos leer:

Firmila

M(arci) · Grâni

serva · ân(norum)

L · h(ic) · s(ita) · e(st) · s(it) · t(ibi) · t(erra)

5 *l(evis) · Sura · f(ilia)*

d(e) · s(uo) · f(ecit)

En líneas 2 y 3: AN en nexo.

El nombre personal *Firmila*, así escrito, sólo se encuentra en Lara de los Infantes (BU)¹. Con o sin consonante geminada, tanto en femenino como en masculino, es bastante escaso en Hispania con 12 testimonios. De ellos, dos corresponden a Esparragosa de La Serena haciendo referencia a una misma persona: *L. Cornelius Firmillus, Augustalis*².

El *cognomen Sura*, que puede aplicarse tanto a mujeres como a varones, está muy extendido por la costa española del Mediterráneo³. Aquí, en relación con otro testimonio que se halló recientemente en Benquerencia de La Serena⁴, hemos preferido el género femenino. Nótese el uso impropio, desde el punto de vista jurídico⁵, de la palabra *f(ilia)* para la “cria” de *Firmila*, pero nótese, a su vez,

¹ ABASCAL 1994, 364.

² CIL II²/7, 937-938. Autor de sendas dedicatorias a Hércules y a los Lares de Augusto.

³ ABASCAL 1994, 518.

⁴ MADRUGA 2000b.

⁵ Un esclavo es una «cosa» en propiedad de su dueño. Esta condición implica que no son sujetos de derecho y que sus dueños tienen, en principio, un poder de disposición absoluto sobre ellos.

que el hecho legal está desmentido a cada paso por la costumbre y el uso.

Su dueño, *M. Granius*, pertenece a una *gens* que no era, ni mucho menos, desconocida en estos pagos. Con éste, son ya cuatro los miembros de esa *gens* hallados en la zona; los otros tres son: *L. Granius L. f. Pap. Scaevinus*⁶ en Zalamea de La Serena; *L. Granius Severus*⁷ y [- *Gr*]anius⁸ en Malpartida de La Serena.

De un somero análisis de los epígrafes manejados para este comentario, se puede llegar al *excursus* de que los *Cornelii* estaban presentes por sus libertos, a los que les ligaba el *ius patronatus*; que los *Granii*, provenientes de *Augusta Emerita*, mantenían esclavos, cuya dependencia era directa y total, y, a su vez, eran, al menos alguno, encargados de los negocios, *post mortem*, de aquellos libertos. Por lo menos se intuye el potencial económico y oligárquico de ambas familias en la zona⁹.

JOSÉ-VIDAL MADRUGA FLORES

⁶ CIL II²/7, 922. Titular de una lujosa placa de mármol conservada en el Museo de Badajoz.

⁷ CIL II²/7, 930-931. Ejecutor de la manda testamentaria del liberto *P. Cornelius Quintio*.

⁸ CIL II²/7, 936. Dueño de una esclava llamada *Silvana*. El CIL transcribe *Silvana* / [-2-3-]ani / [se]rva, pero caben pocas dudas de que pertenecería a la *gens Grania*.

⁹ Además de los miembros de la *gens Cornelia* ya citados en Esparragosa de La Serena y en Malpartida de la Serena, tenemos: [*Co*]rnelia [— —] (Inédita en Benquerencia de La Serena); *Cornelia Q. f. Marcella* (CIL II²/7, 932 en Malpartida de La Serena); *M. Carnelius Proculus aed(ilis)* (CIL II²/7, 947 en Castuera); y en Zalamea de La Serena: *P. Cornelius P. f. Pupillus* (CIL II²/7, 909) *M. Cornelius Priscinus* en una dedicatoria funeraria a su *amita* (tia paterna) *Cornelia P. f. Annoca* (CIL II²/7, 910) y *Q. Cornelius Quart(—)* (CIL II²/7, 923).

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABASCAL 1994 = J. M. ABASCAL PALAZÓN, *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania (Anejos de Antigüedad y Cristianismo II)*, Murcia 1994
- CIL II²/7 = A. U. STYLOW — C. GONZÁLEZ ROMÁN — G. ALFÖLDY, *Corpus Inscriptionum Latinarum, vol. II. Inscriptiones Hispaniae Latinae, editio altera, pars VII. Conventus Cordubensis*, Berlín — Nueva York 1995.
- CPILC = R. HURTADO DE SAN ANTONIO, *Corpus provincial de inscripciones latinas — Cáceres*, Cáceres 1977
- EE = *Ephemeris Epigraphica*. Publicada en Berlín y dirigida por E. Hübner. IX (1903).
- ERAE = L. GARCÍA IGLESIAS, *Epigrafía romana de Augusta Emerita*, (Tesis doctoral mecanografiada. Univ. Complutense). Madrid 1972
- FERNÁNDEZ CORRALES 1989 = J. M. FERNÁNDEZ CORRALES, “Territorios urbanos y asentamientos mineros romanos en Extremadura”, *Alcántara* 16, 1989, 131-139.
- GIMENO — STYLOW 1993 = H. GIMENO PASCUAL — A. U. STYLOW, “Juan Pérez Holguín y la Epigrafía Trujillana”, *Veleia* 10, 1993, 117-178. También en *Veleia Anejos, Series Maior*, 8.
- GONZÁLEZ 1998 = J. GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, “Varia epigraphica II” *Habis* 29, 1998, 105-115.
- GONZÁLEZ BLANCO 1995 = A. GONZÁLEZ BLANCO, “La epigrafía del alfar de la Maja (Calahorra, La Rioja)”, en F. Beltrán Lloris (ed.), *Roma y el nacimiento de la cultura epigráfica en occidente*, 239 — 249, Zaragoza 1995
- HALEY 1991 = E. W. HALEY, *Migration and economy in Roman Imperial Spain*. Barcelona 1991
- HEp = *Hispania Epigraphica*, Universidad Complutense. Madrid
- MADRUGA 1996 = J. V. MADRUGA FLORES, “Los epígrafes romanos de Monterrubio”, *Monterrubio de la Serena. Feria y Fiestas 1996*, 10-14.
- 2000 = J. V. MADRUGA FLORES, “Nuevos epígrafes romanos en Monterrubio”, *Feria y fiestas de Monterrubio de la Serena 2000*, 19-21
- 2000a = J. V. MADRUGA FLORES, “Un praetoriano en Monterrubio de La Serena”, *Ficheiro Epigráfico* 63, 2000, 286.
- 2000b = J. V. MADRUGA FLORES, “Sura Metellinensis en Benquerencia de La Serena (Badajoz)”, *Ficheiro Epigráfico* 64, 2000, 289.

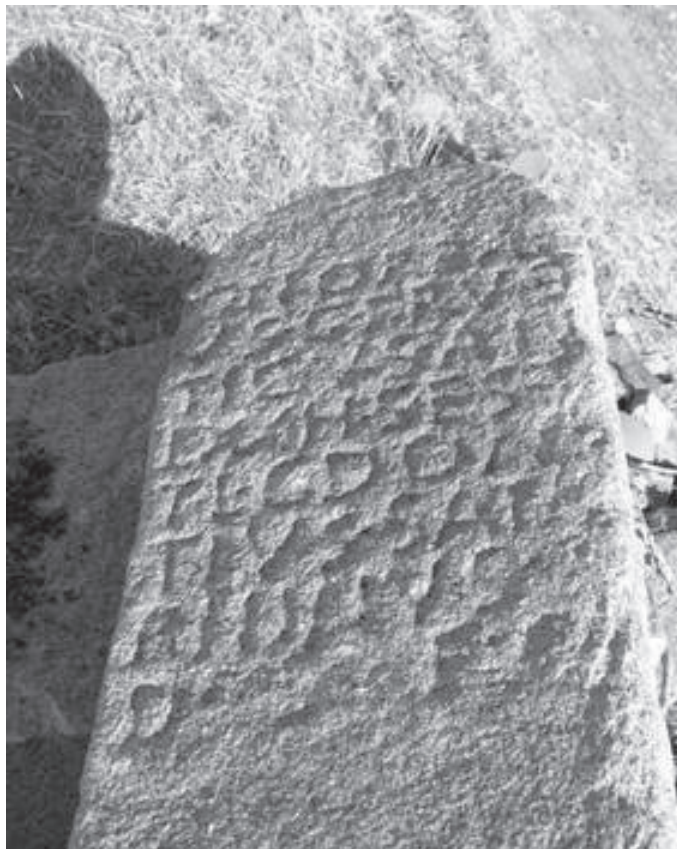
- 2001 = J. V. MADRUGA FLORES, “Forasteros en la antigua Serena”, *Monterrubio de la Serena. Feria y Fiestas 2001*, 64-67
- ORTIZ 1985 = P. ORTIZ ROMERO, *Carta Arqueológica de La Serena. Hojas del MTN de Castuera y Zalamea de la Serena*. Memoria de Licenciatura. Inédita. UEX Cáceres 1985
- RAMÍREZ 1992-93 = J. L. RAMÍREZ SÁDABA, “La demografía del Territorium Emeritense (excepto el casco urbano) según la documentación epigráfica”, *Studia Histórica. (Historia Antigua)*, Vol. X-XI, 1992-93, 131-147.
- 2000 = J. L. RAMÍREZ SÁDABA, “Onomástica indígena en la Baeturia Celtica”, en F. Villar y M. P. Fernández Álvarez (edit.), *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania (VIII Coloquio sobre lenguas y culturas prerromanas de la Península Ibérica)*, Salamanca 1999. Acta Salmanticensia Estudios Filológicos, 283), 227-240, Salamanca 2000.
- REDONDO 1982 = J. A. REDONDO RODRÍGUEZ, *Catálogo epigráfico-latino de Trujillo y su partido judicial*. Memoria de Licenciatura. Inédita. UEX Cáceres 1982.
- SALAS — ESTEBAN 1994 = J. SALAS MARTÍN — J. ESTEBAN ORTEGA, *La Colonia Norba Caesarina y la gens Norbana en Hispania*, Cáceres 1994.
- SAYAS 1989 = J. J. SAYAS ABENGOECHEA, “Colonización y municipalización bajo César y Augusto: Bética y Lusitania”, *Aspectos de la colonización y municipalización de Hispania*, 33-69, Mérida 1989.
- STYLOW 1991 = A.U. STYLOW, “El *municipium Flavium V(—)* de Azuaga (Badajoz) y la municipalización de la *Baeturia Turdulorum*”. *Studia Historica (Historia Antigua)*, IX, 1991, 11-27.
- 1995 = A.U. STYLOW, “Los inicios de la epigrafía latina en la Bética. El ejemplo de la epigrafía funeraria”, en Beltrán Lloris, F. (ed). *Roma y el nacimiento de la cultura epigráfica en Occidente (1992)*, 219-238. Zaragoza 1995.
- STYLOW — MADRUGA 1998 = A. U. STYLOW — J. V. MADRUGA FLORES, “*Tabula salutaris*. A propósito de CIL II²/7, 946”, *Faventia* 20/1, 1998, 29-36.



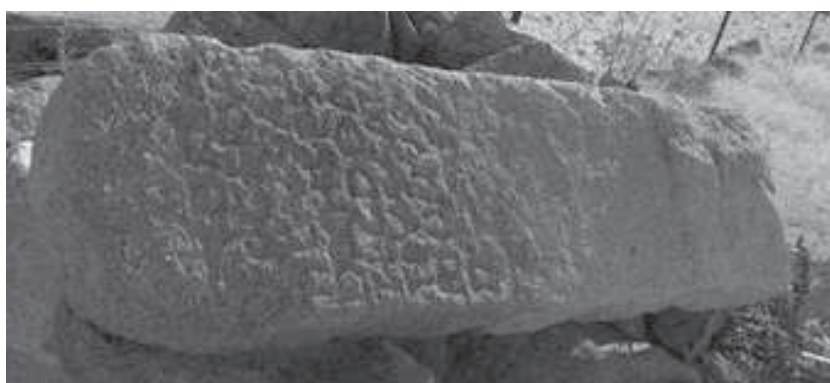
Lám. 1: Vista del sepulcro doble donde se aprecian las inscripciones 320 y 321.
Foto J-VMF.



Lám. 2: Otra vista del sepulcro doble donde se aprecia la inscripción 322.
Foto J-VMF.



Lám. 3: Texto de la inscripción 320. Foto ARG.



Lám. 4: Inscripción 320. Foto ARG.



Lám. 5: En primer plano, la inscripción 321. Foto J-VMF.



Lám. 6: Inscripción 321. Foto J-VMF.



Lám. 7: Inscripción 322. Foto J-VMF.



Lám. 8: Estado actual de la inscripción 322. Foto ARG.

323.1 – 323.7

PESOS DE TEAR COM MARCA
DA *VILLA* DE CARDAIS, TOMAR
(*Conventus Scallabitanus*)

Em finais do século passado, surgiram vestígios de uma *uilla*, a cerca de 2 km de Tomar (= *Seilium*), em Cardais (Marmelais de Baixo, freguesia de Santa Maria dos Olivais), destruídos nos inícios do século XX, apesar da relevância das estruturas e dos materiais descobertos no local¹. Uma parte do seu espólio foi integrada na colecção da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo (associação fundada em 15 de Maio de 1918), sendo depositada no Convento de Cristo (Tomar). Esse espólio incluía algumas dezenas de pesos de tear, entre os quais se detectam várias marcas de oleiro²; nesta breve nota dão-se a conhecer alguns desses pesos, que ostentam a mesma marca.

Pesos de tear, de cor alaranjada. Formato tronco-piramidal, secção rectangular, orifício de suspensão cilíndrico, com sulco à volta. Correspondem ao grupo III, classe B, da tipologia estabelecida para os pesos de *Conimbriga*³. Três pesos apresentam algum desgaste (323.3, 4, 6); dois estão fracturados, um na zona superior (323.6), o outro na zona inferior (323.7).

¹ Cf. ALARCÃO (Jorge de), «O território de Sellium», *O Espaço Rural na Lusitânia. Tomar e o Seu Território* (Actas do Seminário, Tomar, 17 a 19 de Março, 1989), 1992, Tomar, 13-14; FERREIRA (Rui) e PONTE (Salette da), «A villa suburbana de Cardais, Tomar – sua história», *ibidem*, 55-56.

² Vide, por exemplo, FERREIRA (Rui) e PONTE (Salette da), *op. cit.*, 55-57, com mais bibliografia. Expressamos o nosso agradecimento a Rui Ferreira, técnico auxiliar de museografia do Convento de Cristo, pelo apoio concedido no estudo deste espólio.

³ ALARCÃO (Jorge) *et alii*, *Trouvailles Diverses. Conclusions Générales: Fouilles de Conimbriga*, VII, Paris, 1979, 62-63.

323.1 (foto 1a)

Dimensões: 11 x 5/6,5 x 2/2,5. Topo: 5 x 2,3; base: 6 x 2,5.
Orifício de suspensão: 0,9.

Peso: 300 gramas.

M(*aelonis?*)

De M(elão?).

Altura da letra: 2.

323.2 (foto 1b)

Dimensões: 10,8 x 5,5/6,5 x 2/2,5. Topo: 5,5 x 2,3; base: 6 x 2,5. Orifício de suspensão: 1.

Peso: 300 gramas.

M(*aelonis?*)

De M(elão?).

Altura da letra: 2,2.

323.3 (foto 1c)

Dimensões: 10,6 x 5/6 x 2/2,5. Topo: 5 x 2,4; base: 5,5 x 2,5.
Orifício de suspensão: 0,9.

Peso: 280 gramas.

M(*aelonis?*)

De M(elão?).

Altura da letra: 1,8/2.

323.4 (foto 2a)

Dimensões: 10,6 x 5/6,3 x 2/2,5. Topo: 5,1 x 2,3; base: 5,5 x 2,5.
Orifício de suspensão: 0,9.

Peso: 300 gramas.

M(*aelonis?*).

De M(elão?).

Altura da letra: 1,8/2.

323.5 (foto 2b)

Dimensões: 10,8 x 5,5/6,5 x 2/2,5. Topo: 5,5 x 2,4; base: 6 x 2,5. Orifício de suspensão: 0,8.

Peso: 300 gramas.

M(*aelonis?*).

De M(elão?).

Altura da letra: 2,2.

323.6 (foto 2c)

Dimensões: 10,2 x (4,5)/6,5 x 2/2,5. Topo: (4,2) x 2; base: 6,5 x 2,5. Orifício de suspensão: 0,9.

Peso: (250) gramas.

M(*aelonis?*).

De M(elão?).

Altura da letra: (0,6).

323.7 (foto 3)

Dimensões: (6,5)/10 x 5/6 x 2/2,5. Topo: 4,9 x 2,3; base: (1,5) x 2,5. Orifício de suspensão: 0,8.

Peso: (150) gramas.

M(*aelonis?*).

De M(elão?).

Altura da letra: 1,2/1,5.

Os caracteres são actuários e foram gravados no topo superior dos pesos, com um objecto cortante, antes da cozedura: M's muito abertos, assemelhando-se a dois A's sem barra. Nos pesos 3 e 4 são

pouco simétricos, estando inclinados para a esquerda. No peso 6 apenas restam vestígios do M. São idênticos a alguns M's esgrafitados em pesos de *Conimbriga*, datáveis do século I d. C.⁴

O desdobramento proposto para a sigla documentada nos pesos de tear analisados tem como base a hipótese de que esta poderá corresponder à marca da oficina de *Maelo*, documentada em *pondera* de *Conimbriga*⁵, cidade cujo *territorium* confina com o de *Seilium*⁶. De acordo com os testemunhos encontrados em *Conimbriga*, a oficina de *Maelo* produziu não só pesos de tear, mas também materiais cerâmicos e líticos para construção, na 2ª metade do século I d.C.⁷

Como vimos, alguns pesos de tear de *Conimbriga* apresentam marcas esgrafitadas referentes a *Maelo*, paleograficamente idênticas aos testemunhos seilienses, tal como um outro peso recolhido em *Aeminium*⁸. Na *uilla* de Dordias (*ager Conimbrigensis*) e na Mealhada (*ager Aeminiensis*) documentam-se pesos com marcas impressas, idênticas ao exemplar 205.2 de *Conimbriga*⁹. É possível que um grafito da *uilla* da Cidreira (Cascais), bem como as marcas da *uilla* de Odrinhas (Sintra), também testemunhem a circulação de produtos de *Maelo* no *ager Olisiponensis*¹⁰.

Os testemunhos seilienses documentam assim a comercialização dos produtos cerâmicos de *Conimbriga* nas *ciuitates* envolventes, durante o século I d. C.

LUÍS DA SILVA FERNANDES

⁴ ÉTIENNE (Robert) e FABRE (Georges), in *Fouilles de Conimbriga*, II, Paris, 1976, n.º 406a.

⁵ ÉTIENNE (Robert) e FABRE (Georges), *op. cit.*, n.º 301a-c; 406a-g.

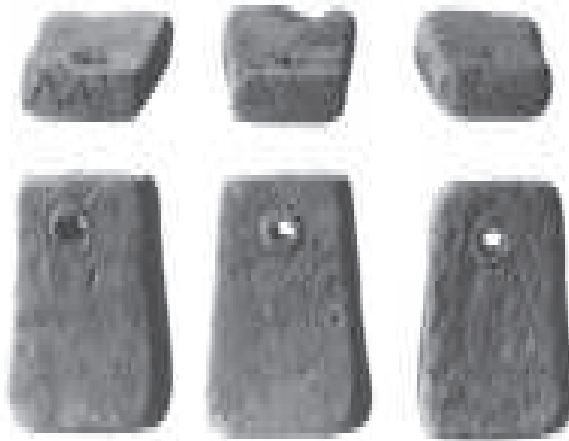
⁶ Vide ENCARNAÇÃO (José d') e MONTEIRO (António J. Nunes), «A propósito de uma inscrição latina em Santiago da Guarda (Ansião)», *Conimbriga*, 32-33, 1993-1994, 310.

⁷ ÉTIENNE (Robert) e FABRE (Georges), *op. cit.*, 139.

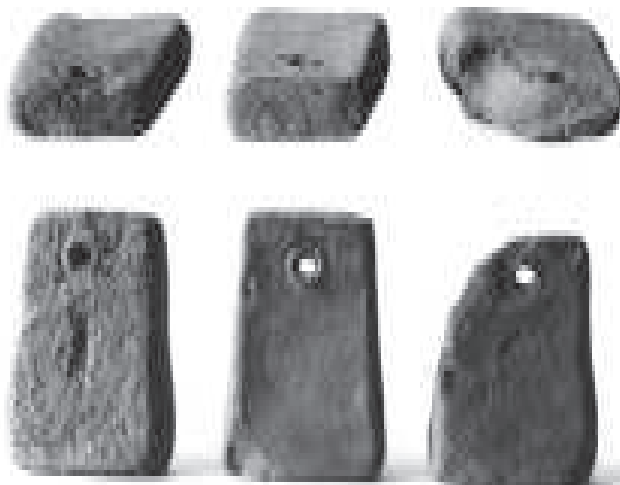
⁸ MONTEIRO (António J. Nunes), «Dordias (Pombalinho – Soure): uma estação romana no território da Ladeia», *Revista Portuguesa de História*, t. XXXI, vol. I (Homenagem ao Doutor Salvador Dias Arnaut), 1996, 92-93, n. 17.

⁹ Monteiro (António J. Nunes), *op. cit.*, 94 e 96; ALARCÃO (Jorge) *et alii*, *op. cit.*, n.º 205.2.

¹⁰ NOLEN (Jeannette U. Smith), «A villa romana do Alto do Cidreira (Cascais) – os materiais», *Conimbriga*, 27, 1988, 135, n.º 7; RIBEIRO (José Cardim), «Estudos histórico-epigráficos em torno da figura de *L. Iulius Maelo Caudicus*», *Sintria*, I-II (tomo 1), 1982-1983, 224-226 (e fig. 27); 431, n.º 42.



323-1a, b, c



323-2a, b, c



323-3

Fotos de Judite Miranda

Ficheiro Epigráfico, 72-73, 2003

VISITE A PÁGINA DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

www.uc.pt/iauc

VEJA AS PUBLICAÇÕES QUE TEMOS DISPONÍVEIS